

ANÁLISE EXEGÉTICA DE ISAÍAS 52.13-15: A EXALTAÇÃO NO PRÓLOGO DO QUARTO CÂNTICO DO SERVO

EXEGETICAL ANALYSIS OF ISAIAH 52:13-15: EXALTATION IN THE PROLOGUE OF THE FOURTH SERVANT'S SONG

ANÁLISIS EXEGÉTICO DE ISAÍAS 52:13-15: LA EXALTACIÓN EN EL PRÓLOGO DEL CUARTO CÁNTICO DEL SIERVO

Rodrigo Mathias Rangel¹
Vinícius Barreto Machado²

Resumo

Ferramentas adequadas de exegese são cruciais para a correta interpretação de escritos antigos. Este estudo visa reafirmar a eficácia dessas ferramentas interpretativas por meio de uma análise aprofundada de Isaías 52:13-15, o prólogo do quarto cântico do Servo Sofredor, um trecho fundamental para a fé e frequentemente citado por autores posteriores e pela comunidade religiosa primitiva. Apesar de sua breve extensão, o texto é complexo e suscita debates sobre sua data de escrita, autoria e a identidade do Servo. A exegese revela que o tema central é a exaltação do Servo do Senhor por meio de seu sofrimento e o impacto dessa exaltação sobre as nações, com similaridades explícitas entre o sofrimento descrito e as experiências de sofrimento e glorificação mencionadas em outros textos sagrados. Duas principais aplicações teológicas são oferecidas: a proclamação da mensagem do Servo e a operação divina que torna a exaltação do Servo compreensível até para os que a princípio não criam; e uma aplicação escatológica, onde o Reino de Deus, embora iniciado, ainda não está plenamente realizado, mas será consumado quando o Servo do Senhor retornar para julgar as nações, quando todas reconhecerão sua glória. Os esforços exegéticos realizados neste estudo destacam não apenas a importância teológica do texto, mas também reforçam a esperança na fidelidade de Deus e na realização plena de seus propósitos em seu enviado, revelando a profundidade e a relevância contínua das escrituras na vida e na fé dos cristãos.

Palavras-chave: o servo sofredor; contemporaneidade de Isaías; exegese do antigo testamento.

Abstract

The utilization of appropriate exegesis tools is vital for the accurate interpretation of ancient writings. This study aims to reaffirm the effectiveness of these interpretative methods through an in-depth analysis of Isaiah 52:13-15, the prologue to the fourth song of the Suffering Servant. This passage is of great significance to the faith tradition and is frequently referenced by later authors and the early religious community. Despite its brevity, the text is complex, giving rise to debates concerning its date of composition, authorship, and the identity of the Servant. The exegesis reveals that the central theme is the exaltation of the Lord's Servant through his suffering and the impact of this exaltation on the nations. There are clear parallels between the described suffering and the experiences of suffering and glorification mentioned in other sacred texts. The study offers two principal theological applications. The first is the proclamation of the Servant's message, and the second is the divine operation that makes the Servant's exaltation understandable even to those who initially did not believe. The study also offers an eschatological application, in which the Kingdom of God, though already initiated, is not yet fully realized. It will be consummated when the Lord's Servant returns to judge the nations, and all will recognize his glory. The

¹ Bacharel em Teologia com ênfase em exegese (FABAPAR), Especialista em liderança e pastoreio (FABAPAR), em formação docente para EAD (UNINTER), em Educação e neurociência (UNINTER) e licenciado em Pedagogia (UNINTER). Mestre em Teologia (FABAPAR). Professor com mais de vinte anos de experiência. Atualmente reside em Curitiba, Paraná, onde leciona no Centro Universitário Internacional (UNINTER) na área de humanidades para os cursos de teologia, ciências da religião, filosofia e sociologia. Leciona também na Faculdade Teológica Betânia - FATEBE no curso de bacharel em teologia e na pós-graduação. Além de professor, atua como pastor, conferencista e escritor.
rev.pr.rodrigorangel@gmail.com

² Especialista em Teologia pelo Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ). Graduado em Engenharia Civil pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Bacharelado em Teologia pela Faculdade Teológica Betânia (FATEBE).
vinibmac@gmail.com

exegetical efforts in this study highlight not only the theological significance of the text but also reinforce the hope in God's faithfulness and the ultimate fulfillment of His purposes in His envoy. This reveals the depth and ongoing relevance of the Scriptures in the life and faith of believers.

Keywords: the suffering servant; contemporaneity of Isaiah; exegesis of the Old Testament.

Resumen

Las herramientas adecuadas de exégesis son cruciales para la correcta interpretación de escritos antiguos. Ese estudio pretende reafirmar la eficacia de esas herramientas interpretativas por medio de un análisis profundo de Isaías 52:13-15, el prólogo del cuarto cántico del Siervo Sufriente, un pasaje fundamental para la fe y frecuentemente citado por autores posteriores y por la comunidad religiosa primitiva. Pese a su breve extensión, el texto es complejo y suscita debates sobre su fecha de escritura, autoría y la identidad del Siervo. La exégesis revela que el tema central es la exaltación del siervo del Señor por su sufrimiento y el impacto de esa exaltación sobre las naciones, con similitudes explícitas entre el sufrimiento descrito y las experiencias de sufrimiento y glorificación mencionadas en otros textos sagrados. Dos aplicaciones teológicas principales son ofrecidas: la proclamación del mensaje del Siervo y la operación divina que hace la exaltación del Siervo comprensible hasta para los que al principio no creen; y una aplicación escatológica, en la que el Reino de Dios, aunque iniciado, aún no está plenamente realizado, pero será consumado cuando el Siervo del Señor regrese para juzgar a las naciones, cuando todos reconozcan su gloria. Los esfuerzos exegéticos realizados en ese estudio destacan no solo la importancia teológica del texto, sino que también refuerzan la esperanza en la fidelidad de Dios y en el pleno cumplimiento de sus propósitos en su enviado, revelando la profundidad y la continua relevancia de las escrituras en la vida y fe de los cristianos.

Palabras clave: el siervo sufridor; la contemporaneidad de Isaías; exégesis del antiguo testamento.

1 Introdução e delimitação da unidade textual completa

Interpretar adequadamente um texto é sempre uma tarefa desafiadora, especialmente quando realizada sem o uso das ferramentas apropriadas de análise e interpretação. Este trabalho visa reafirmar a eficácia e precisão dessas ferramentas, realizando uma análise aprofundada de uma perícopes das escrituras Sagradas. A tarefa de interpretar textos bíblicos requer uma abordagem metódica e ferramentas específicas para garantir uma compreensão correta e detalhada.

Nesse contexto, este estudo foca na interpretação do texto encontrado em Isaías 52:13-15, também conhecido como o prólogo do quarto cântico do Servo Sofredor. A escolha desse texto se justifica pela sua grande influência no fundamento da fé cristã, pois esses cânticos foram frequentemente utilizados pelos autores neotestamentários e pela igreja cristã para testificar o ministério de Cristo. Com isso, busca-se não apenas interpretar o texto de maneira precisa, mas também destacar sua relevância e impacto teológico.

1.1 Delimitação da perícopes

A escolha da passagem de Isaías 52:13-15 para o presente estudo surgiu da análise da continuidade de elementos como personagens, gênero e tema ao longo do texto. Esse processo

envolveu a comparação de diversas fontes (listadas abaixo), e encontrou-se um consenso significativo na delimitação da perícopes.

De acordo com a tradução brasileira da Bíblia Cristã Nova Almeida Atualizada (2018), confirmada por adesão similar encontrada na tradução Nova Versão Internacional (2001), a perícopes chamada “O sofrimento e a glória (‘vitória’ na NAA) do servo do Senhor” vão do verso 13 do capítulo 52 até o verso 12 do capítulo 53. Esse trecho é comumente conhecido como o quarto canto do servo do Senhor, sendo assim designado em algumas traduções, como a Bíblia de Jerusalém (2002).

Sobre a opção de segmentar o prólogo do cântico para uma análise mais focada e detalhada, segue-se a divisão realizada no *Pulpit Commentary*, que propõe chamar o trecho de Isaías 52:13-15 de Prelúdio ao Grande Passional, afirmando que:

...o “Grande Passional” precisa de um “prelúdio”, uma “introdução”, ainda que apenas para indicar sua grandeza. E este prelúdio encontramos aqui, nestes três versículos, que brevemente destacam: (1) o fato da exaltação; (2) a profundidade da humilhação que a precedeu; e (3) a vasta bênção que resultará para o mundo de ambos (Exell; Spence-Jones, 1985, tradução livre).

Ao aceitar-se que o cântico tem seu início em 52:13, destacando-se do contexto anterior que proclama o consolo de Sião no Senhor, o excerto selecionado é tido como “uma introdução que declara brevemente o significado de tudo o que se segue, a futura exaltação do Servo em contraste com sua humilhação passada” (Moule, 2015, tradução livre). Especialmente ao perceber que na estrutura do cântico, após o prólogo de exaltação, o sofrimento do servo é evidenciado, sendo sua elevação citada novamente apenas no final.

Adota-se, então, o prólogo do quarto cântico do servo como objeto de análise deste trabalho, compreendendo-se que, em consonância com Matthew Henry (2003), neste trecho se inicia a descrição maravilhosa, fiel e detalhada do Messias em seu caráter, ofício e glória, que convence e constringe até o mais incrédulo e endurecido coração.

2 Análise gramatical de cada palavra do texto hebraico

A análise gramatical do texto em seu idioma original, especialmente em idiomas antigos, é essencial para garantir que os termos traduzidos sejam colocados de forma adequada e, portanto, para obter um entendimento adequado de cada trecho. A Tabela abaixo mostra a análise realizada no texto em questão, demonstrando o texto original, tradução e análise sintática de seus vocábulos.

Tabela 1: análise gramatical de Isaías 52.13-15

Verso	Hebraico	Tradução	Análise Sintática
13	הִגֵּה	Vejam	Interjeição
	׃		
	יִשְׁכֵּל	(ele) prosperará	V-Hifil-Imperf-3ms
	׃		
	עַבְדִּי	meu servo	S-msc 1cs
	יָרוּם	(ele) será exaltado	V-Qal-Imperf-3ms
	וְנִשָּׂא	e (ele será) elevado	Conj-w V-Nifal-ConjPerf-3ms
14	׃		
	וְנִבְהָ	e (ele será) enaltecido	Conj-w V-Qal-ConjPerf-3ms
	מְאֹד:	muito	Adv
	כַּאֲשֶׁר	Como	Prep-k Pro-r
	לְשִׁמּוֹ	ficaram assombrados/maravilhados	V-Qal-Perf-3cp
	עָלֶיךָ	sobre ti	Prep 2ms
	רַבִּים	muitos	Adj-mp
	כִּי-	pois	Adv
	מִשְׁתַּחֲוֵת	corrompido/desfigurado	S-msc
	מֵאִישׁ	mais que homem (qualquer)	Prep-m S-ms
	׃		
	15	מִרְאֵהוּ	Sua aparência
וְתַאֲרוֹ		e seu semblante	Conj-w S-msc 3ms
מִבְנֵי		mais que (os) filhos	Prep-m S-mpc
אָדָם:		(de) homem	S-ms
כֵּן		Assim	Adv
יִזְחַל		(ele) chocará	V-Hifil-Imperf-3ms
גּוֹיִם		povos/nações	S-mp
–			
רַבִּים		muitos	Adj-mp
עָלָיו		sobre ele	Prep 3ms
יִקְפְּצוּ		fecharão	V-Qal-Imperf-3mp
מְלָכִים		reis	S-mp
פִּיָּהֶם		suas bocas	S-msc 3mp
כִּי		porque	Conj
אֲשֶׁר		o que	Pro-r
לֹא-		não	Adv-NegPrt
סִפֵּר		foi relatado	V-Pual-Perf-3ms
לָהֶם		a eles	Prep 3mp
רָאוּ	(eles) viram	V-Qal-Perf-3cp	
–			
וְאֲשֶׁר	e o que	Conj-w Pro-r	
לֹא-	não	Adv-NegPrt	

שָׁמְעוּ	ouviram (eles)	V-Qal-Perf-3cp
הִתְבוֹנְנוּ:	(eles) entenderam	V-Hitpael-Perf-3cp

Fonte: Brown; Driver; Briggs, 1994.

3 Tradução

Combinando a análise gramatical e as traduções discutidas no tópico anterior, apresenta-se a seguir o texto de Isaías 52:13-15 no idioma original, acompanhado pela tradução feita pelos autores deste trabalho:

Texto no idioma original - hebraico (The Westminster Leningrad Codex, 2016):

הִגָּה יְשׁוּבִיל עֲבָדֵי יְרוּסָם וְנִשְׂאָה וְגִבָּה מְאֹד 13
כִּאֲשֶׁר שָׁמְמוּ עָלֶיךָ רְבִים כֹּן־מִשְׁתַּת מְאִישׁ מְרֹאָהוּ וְתֹאֲרוֹ מִבְּנֵי אָדָם 14
כֹּן יִזְדֶּה לְגוֹיִם רְבִים עָלָיו יִקְפְּצוּ מְלָכִים פִּיהֶם כִּי אֲשֶׁר לֹא־סָפַר לָהֶם רָאוּ וְאֲשֶׁר לֹא־שָׁמְעוּ הִתְבוֹנְנוּ 15

Texto traduzido pelos autores (2024):

13 Vejam, o meu servo prosperará; será exaltado e elevado, e muito enaltecido.
14 Como muitos ficaram assombrados diante de ti, pois sua aparência estava mais desfigurada do que a de qualquer outro homem, e o seu semblante, mais do que a dos filhos de homem.
15 Assim ele chocará as nações; muitos reis fecharão a sua boca diante dele, porque aquilo que não lhes foi relatado, eles viram, e aquilo que não ouviram, entenderam.

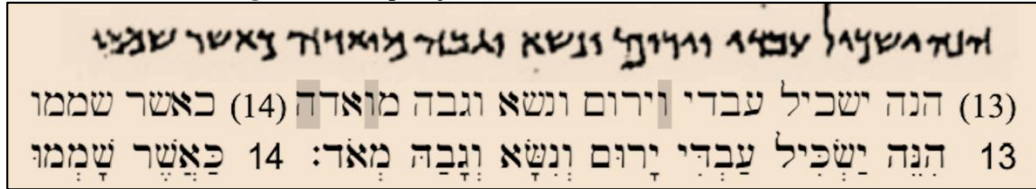
4 Verificação dos textos variantes

Há uma compreensão equivocada bastante corrente de que o texto hebraico mais comumente utilizado atualmente, isto é, o Texto Massorético, datado no século V d.C., é exatamente igual aos textos mais antigos dos Manuscritos do Mar Morto (século III a.C.). Alguns até mesmo fundamentam erroneamente sua compreensão da inerrância das Escrituras nesta afirmação, o que gera uma série de lacunas interpretativas devido a incongruências entre os documentos históricos conhecidos.

Um caso que exemplifica as diferenças entre os manuscritos é o trecho de Isaías 52:13 a 53:12, já mencionado como o quarto cântico do Servo. Por este trabalho se dedicar apenas a exegese do seu prólogo no final do capítulo 52, análises detalhadas acerca do cântico todo serão deixadas para estudos futuros. As diferenças entre os textos do Mar Morto e o material massorético podem ser encontradas nas figuras abaixo, seguindo a ordenação: manuscrito do Mar Morto na íntegra (linha 1); manuscrito do Mar Morto adaptado para a escrita moderna do

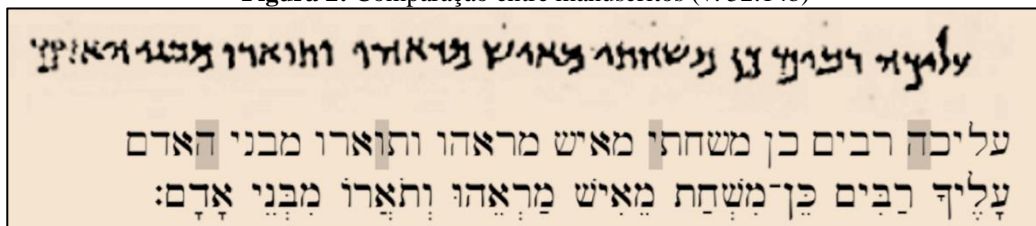
hebraico (linha 2); texto massorético como encontrado na Bíblia Hebraica Stuttgartensia (linha 3).

Figura 1: Comparação entre manuscritos (v. 52:13-14a)



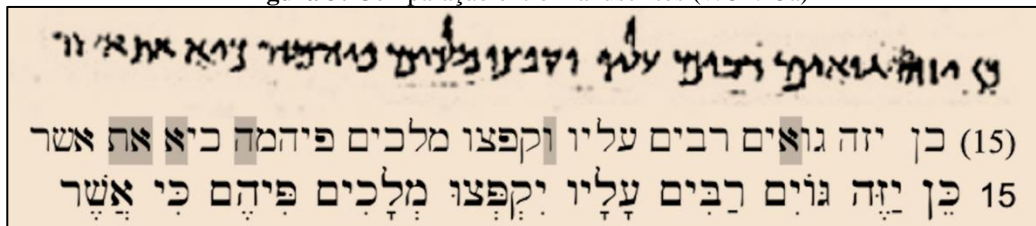
Fonte: Heiser, 2017, p. 87-88.

Figura 2: Comparação entre manuscritos (v. 52:14b)



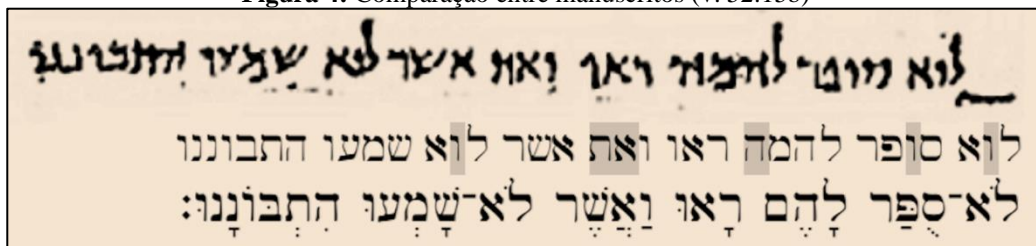
Fonte: Heiser, 2017, p. 87-88.

Figura 3: Comparação entre manuscritos (v. 52:15a)



Fonte: Heiser, 2017, p. 87-88.

Figura 4: Comparação entre manuscritos (v. 52:15b)



Fonte: Heiser, 2017, p. 87-88.

Nota-se, por meio da demonstração acima, que apesar das diferenças na escrita, os textos são virtualmente idênticos em seu conteúdo. Asher Chee corrobora com essa afirmação sobre Isaías 52, ao dizer que:

A maioria das diferenças entre os dois textos são variações ortográficas; diferentes formas de escrever uma palavra que fazem pouca ou nenhuma diferença no significado da palavra. No entanto, uma coisa é clara a partir da observação simples: o Texto Massorético (MT) e os textos bíblicos dos Manuscritos do Mar Morto não são

idênticos letra por letra; pelo menos não em todos os casos (Chee, 2013, tradução livre).

Logo, conclui-se que embora o texto apresente variações, não há necessidade iminente de atribuí-las peso durante sua análise exegética, visto que suas distinções não possuem valor interpretativo considerável.

5 Comparação entre versões

Dedica-se esta seção para demonstrar diferentes versões do texto selecionado. Texto traduzido ao português (Nova Almeida Atualizada, 2018):

O sofrimento e a vitória do Servo do Senhor
13 “Eis que o meu Servo procederá com prudência; será exaltado e elevado, e será mui sublime.
14 Como muitos pasmaram à vista dele — pois o seu aspecto estava tão desfigurado, mais do que o de outro qualquer, e a sua aparência, mais do que a dos outros filhos dos homens,
15 assim causará admiração às nações, e os reis fecharão a sua boca por causa dele. Porque verão aquilo que não lhes foi anunciado, e entenderão aquilo que não tinham ouvido”.

Texto traduzido ao português (Nova Versão Internacional, 2001):

O sofrimento e a glória do servo do Senhor
13 Vejam, o meu servo agirá com sabedoria; será levantado e erguido e muitíssimo exaltado.
14 Assim como houve muitos que ficaram pasmados diante dele; sua aparência estava tão desfigurada, que ele se tornou irreconhecível como homem; não parecia um ser humano;
15 de igual modo ele aspergirá muitas nações, e reis calarão a boca por causa dele. Pois aquilo que não lhes foi dito verão, e o que não ouviram compreenderão.

Texto traduzido ao português (Bíblia de Jerusalém, 2002):

Quarto canto do Servo
13 Eis que meu Servo prosperará, ele se elevará, será exaltado, será posto nas alturas.
14 Exatamente como multidões ficaram pasmadas à vista dele – pois ele não tinha mais figura humana e sua aparência não era mais a de homem –
15 assim, agora nações numerosas ficarão estupefatas a seu respeito, reis permanecerão silenciosos, ao verem coisas que não lhes haviam sido contadas e ao tomarem consciência de coisas que não tinham ouvido

6 Análise histórica

A cautela em não atribuir a textos antigos significados que estes não tinham intenção de comunicar, vai além da mera análise literária. Anacronismos e interpretações incorretas são

problemas recorrentes quando se examinam escritos centenários ou milenares, como no caso da Bíblia, sob um escrutínio mais detalhado. Esses equívocos podem ser evitados mediante uma observação rigorosa do contexto histórico e cultural em que esses textos foram produzidos.

6.1 Autoria e data

A delimitação autoral do livro de Isaías tem sido motivo de muitas disputas acadêmicas desde a segunda metade do século XVIII, especialmente os blocos que vão dos capítulos 40 a 55, e 56 a 66. Até então, o principal entendimento de ambos, judeus e cristãos, e a mais ortodoxa, é a de que o próprio profeta Isaías teria escrito o livro em sua completude. Como o trecho compreendido por este trabalho está no primeiro bloco citado, as duas hipóteses mais aceitas, incluindo a mais ortodoxa, serão abordadas nos parágrafos seguintes.

Iniciando pela hipótese mais tradicionalmente adotada pela igreja, entende-se que Isaías, profeta nascido no reinado de Uzias (século VIII a.C.), em uma época de considerável prosperidade e estabilidade em Judá, teria escrito e compilado todo o seu livro homônimo. Devido ao seu fácil acesso à corte real (e.g. Is 7:3; 38:1), suspeita-se que ele tenha pertencido à uma família aristocrata, ou tenha tido um status bem quisto pela realeza devido seu ofício profético. Suas profecias abrangeram pelo menos três gerações de reis (Jotão, Acáz e Ezequias), e de acordo com a tradição judaica posterior, teria sido martirizado sob o regime de Manassés, entre 687-642 a.C. (Payne, 2012, p. 689).

Conforme John Oswalt (2011, p. 45), o livro de Isaías trata-se de uma antologia – coleção de sermões, pensamentos, ditos – unicamente do próprio profeta Isaías, sendo este inspirado e dirigido por Deus para sua escrita e organização. Esta suposição não necessariamente obriga a leitura cronológica dos fatos relatados por Isaías, como apontam certos críticos da forma, tampouco limita que durante sua compilação, tenham sido adicionados materiais editoriais e transicionais sucintos pelo profeta ou por aqueles com quem ele trabalhava.

A segunda hipótese se sustenta na arguição de que o trecho dos capítulos 40 a 55 teriam diferenças de estilo com os textos anteriores, e de contexto, apontando incompatibilidades com o período de vida de Isaías. Em virtude disto, o trecho teria sido escrito por um profeta anônimo posterior (comumente referenciado como Deutero-Isaías), ou, no mínimo, por discípulos de Isaías gerações à sua frente, trabalhando tanto como redatores das revelações do profeta para o Israel pós-exílico, que teria sido o público-alvo das revelações contidas neste excerto (Payne, 2012).

Contudo, em corroboração com a visão mais ortodoxa, a crítica aos estilos diferentes se mostra insuficiente, uma vez que é facilmente observado que períodos diferentes na vida de uma pessoa podem produzir formas e temas diferentes em seus escritos. Um exemplo disto é a diferença estilística entre Apocalipse e o quarto evangelho, que em nenhuma hipótese é aceita como argumento para questionar a autoria do apóstolo João para ambos textos. E sobre as aparentes incongruências contextuais, pode-se afirmar que a natureza do material encontrado nos primeiros 39 capítulos de Isaías demanda que o espírito dos capítulos posteriores seja incluído na primeira parte do livro. A título de exemplo, a visão do messias retratada nos capítulos 9 a 11 necessita da literatura dos capítulos 40 a 55 para ser validada como uma promessa para um futuro pós monárquico (Oswald, 2011, p. 47-48).

Fica ainda a breve menção de um ponto de vista médio, que presume, segundo Jan Ridderbos (1995, p. 26), que o conteúdo do livro de Isaías foi escrito em sua absoluta maioria pelo próprio profeta, mas, especialmente do capítulo 40 em diante, teria sido organizado, editado e reproduzido por discípulos seus no exílio, que perceberam o cumprimento daquilo que havia sido revelado ao profeta anteriormente. Esta interpretação, apesar de não afirmar a lavra de Isaías para a organização e edição de pelo menos parte de seus escritos, mantém sua autoria, e por consequência, sua teologia em todo o material.

Apesar deste trabalho optar pela primeira hipótese apresentada, compreende-se que diferente da proposta moderna de um outro profeta, a última opção ainda se mantém dentro dos trilhos da ortodoxia cristã, respeitando o espírito e teor imbuídos na lavra de Isaías.

7 Análise do contexto político, religioso e geográfico

O livro de Isaías abarca um longo período de acontecimentos e profecias. Considerando a adoção da lavra exclusiva do profeta Isaías em sua autoria, a escrita do documento teria, possivelmente, acontecido entre os meados do reino de Uzias e o início do regime de Manassés (767-680 a.C.). Neste ínterim, Judá, seu provável lugar de escrita, passara por grandes eventos políticos, como trocas de reis, invasões, levantes e rebeliões. Estes eventos permeiam o conteúdo do livro e passarão por uma breve apresentação para aumento da compreensão da períclope analisada.

Durante o reinado de Uzias (791-740 a.C.), o reino de Judá experimentou um período de estabilidade, como mencionado no ponto anterior. No entanto, essa paz foi perturbada pela crescente ameaça siro-efraimita que sobrevinha a alguns reinos incluindo Israel, Judá e Damasco. Em resposta, Israel e Damasco formaram uma aliança, mas o rei de Judá, Acaz,

recusou-se a participar, o que levou à invasão de Judá em 735 a.C. Acáz, em meio ao seu desespero, pediu clemência ao rei assírio, contrariando os avisos do profeta Isaías. Como resultado, Judá foi reduzido a um estado vassalo da Assíria, enquanto Israel sofreu ainda mais, perdendo territórios, com Samaria cercada e, eventualmente, caindo uma década após a invasão (Payne, 2012, p. 689).

Acerca do *modus operandi* do império assírio, uma norma de conduta bem definida era colocada em marcha sobre seus estados conquistados: demonstração de força por meio da relação de vassalagem e cobrança de tributos anuais; na ocorrência de conspirações contrárias ao seu domínio, o império intervinha destruindo a monarquia local, instituindo um príncipe adicto, aumentando os impostos e o controle político e tomando para si parte do território dominado; em reincidência de conspirações, o país conquistado então perderia sua independência, se tornando província assíria, e tendo uma grande parcela de seus habitantes deportada e substituída por estrangeiros, tendo em vista o impedimento da coesão nacional e novas revoltas. Esta última medida foi aplicada sob o Reino de Israel em 720 (Schokel, 1988, p. 97-98).

Ainda de acordo com Payne (2012), com a queda de Israel, o temor de Judá em relação ao rei assírio aumentou, assim como sua hostilidade contra os invasores. Durante o reinado de Ezequias (729-686 a.C.), muitas rebeliões e alianças foram feitas contra o domínio assírio, todas sendo sufocadas. Isaías constantemente advertia o rei contra esses levantes, mas também profetizava que Deus protegeria Jerusalém. Isaías não hostilizava o rei Ezequias, pois este era muito mais devoto que os reis anteriores, o que refletia uma postura de esperança e fé na proteção divina para Jerusalém.

Seguindo a divisão comumente proposta para o livro de Isaías (1-39; 40-55; 56-66), alguns oráculos a respeito de eventos e posicionamentos futuros são tema da segunda e terceira parte do livro. Luís Schokel afirma que:

... a partir do capítulo 40, o leitor sente-se mergulhado em mundos diferentes: por duas vezes é mencionado Ciro (44,28; 45,1), rei persa de meados do século VI; e o povo é exortado a “sair de Babilônia” (48,20; cf. 52,11; [...] 55,12) e a empreender o retorno a Jerusalém. Encontramo-nos, sem dúvida, nos anos do exílio babilônico, século e meio após a morte de Isaías. E a partir do capítulo 56, o leitor tem a impressão de que se encontra novamente em Jerusalém, mergulhado na problemática dos anos posteriores ao exílio (Schokel, 1988, p. 91).

Em se tratar do contexto em que Isaías 52:13-15 melhor se encaixa, o povo encontrava-se em um tempo de degradação progressiva. Após a tomada dos assírios pela revolta babilônica, em 612 a.C., uma série de repercussões acomete o Oriente médio. Para Judá, isto refletiu na

morte do rei Josias, na continuação da opressão política, agora por parte da Babilônia, e no saque de Jerusalém e destruição do templo, além das muitas deportações e anexação do país ao território do império. A terra em que se vivia já não era mais o país entregue por Deus. O templo, que agora estava distante, também estava destruído, impedindo a oferta de sacrifícios a Deus. A monarquia estava arruinada e, o governo, as leis e os costumes estavam nas mãos de um império pagão (Wiener, 1980, p. 9-11).

Um último evento tem sua menção necessária, a conquista de Ciro, o persa. Este chefe de tribos que derrotou os medos que dominavam os persas e se tornou o senhor de todo o irã seguiu derrubando e conquistando as potências da Ásia Menor, encurralando e subjugando o império babilônico. Claude Wiener sugere sobre o sentimento povo de Deus acerca destas coisas:

Mas que esperança isso pode trazer para os exilados de Judá? Quando Babilônia tomou o lugar da Assíria, que vantagem tiveram? Apenas uma tirania se sucedeu à outra... Mas justamente corre o boato de que não se trata de um conquistador como os outros. Não tratou ele com honras, chegando a fazer deles colaboradores, os reis vencidos, em vez de condená-los à morte? Foi sem dúvida essa reputação que lhe permitiu em 539 tomar Babilônia sem combate. E pouco depois, ele enviou para o seu país de origem as estátuas de deuses reunidas por Nabônide, último rei babilônio... Então, não se pode ter esperança? Ciro não seria o instrumento do Senhor para a libertação de seu povo, pecador mas perdoado? (Wiener, 1980, p. 15).

É dentro deste contexto de um povo exilado, sob o domínio de impérios pagãos por séculos, e prestes a se deparar com novas mudanças no cenário político e religioso, que o oráculo de salvação e exaltação de Isaías 40 a 55 (e por consequência, a perícopes analisada) alcançam seu público-alvo primário.

8 Análise do gênero literário

Compreender o gênero literário de um texto é fundamental para a correta interpretação de seus símbolos, sendo igualmente válido para a análise exegética do texto bíblico. A percepção dos elementos históricos e contextuais de uma passagem bíblica só encontram sentido se lidos conforme o tipo de literatura utilizado por seu autor, bem como seus propósitos para ela. O gênero e estilo encontrados em uma perícopes determinam o princípio interpretativo adequado para a sua exegese (Osborne, 2009, p. 32).

Embora essencial, a tarefa de designar o gênero literário do Quarto Cântico do Servo, incluindo o seu prólogo aqui analisado, não é facilmente realizada, muito menos consensual na academia. Seja pela evocação de uma gama diferente de emoções humanas, seja por suas similaridades tanto com salmos penitenciais, quanto com salmos de ações de graças, a verdade

é que a originalidade e novidade do material de Isaías 52:13-53:12, que parece não ter sido composto a partir de um ou mais gêneros combinados, sobrepõe quaisquer desavenças interpretativas (Oliveira, 2018, p. 164). Ainda assim, apenas a título de catalogação para futuros esclarecimentos neste estudo, aceita-se a proposta de Luís Schokel (1988, p. 74), que designa o gênero de todo o trecho de Isaías 40 a 55 como oráculo de salvação.

Acerca do prólogo do cântico analisado, ao menos algumas asserções podem ser feitas com determinada precisão. A primeira é a sua organização poética, que faz todo o cântico ser categorizado como poesia isaiana devido aos seus paralelismos, densidade e alusividade poéticas, metáforas e analogias. Há quem prefira até mesmo designar o texto como ‘poema do Servo’ ao invés de ‘cântico’ (id., p. 165). E a segunda afirmação, que o trecho de Isaías 52:13-15 pode ser sub-classificado como um anúncio de apresentação ao oráculo de exaltação contido no quarto cântico, apesar da constante referência ao sofrimento do Servo na porção central (53:1-10a), que se encerra apenas na explicitação de sua exaltação em termos futuros nos versos 53:10b-12 (Lourenço, 1994, p. 25).

8.1 Análise de contexto literário

Da mesma forma que é importante diferenciar um texto dos escritos que o precedem e sucedem para delimitar uma perícope, isolar um trecho do seu contexto literário pode resultar em interpretações que se afastam bastante do seu sentido original. Além disso, é essencial relacionar esse texto com os temas abordados em seu contexto próximo para compreender plenamente o significado de seus elementos e as intenções do autor.

O quarto cântico do servo, em sua totalidade, possui uma delimitação bem demarcada em seu contexto literário, tanto por sua temática singular, quanto por elementos linguísticos e estruturais, o que confere uma autonomia bem delineada a este excerto (id., p. 4). A própria aceitação universal de sua determinação, do verso 52:13 ao verso 53:12, como um dos poemas do servo de Deus (o último dos quatro), já aponta para sua fácil distinção de seus contextos anterior e posterior.

O trecho que precede a perícope analisada, o poema do capítulo 51, exorta os exilados, em meio à sua angústia, a direcionarem seus corações ao Senhor e suas obras na história de seu povo. Logo após, volta-se à Jerusalém, que haveria de ser vingada e preenchida de alegria com o retorno do Senhor e a partida dos exilados da Babilônia. E, na seção posterior ao cântico vicário (capítulo 54), o teor e o espírito da profecia que o antecedem retornam ao texto, dividindo seu conteúdo entre a certeza da reunião próspera de Jerusalém com o Senhor, e da

recompensa material e espiritual que a cidade ganharia pelos sofrimentos passados (Lock, 1911, p. 326).

No que se refere à segmentação do prólogo do cântico para esta análise detalhada, muito já foi abordado nos tópicos acima. Para ampliar tal conceituação, Samuel Oliveira (2018, p. 163) corrobora com a segmentação (prólogo – parte central – epílogo) ao expor que “a parte central de Is 52,13-53,12, ou seja, em Is 53,1-11a, seja a imitação de um Salmo individual de ação de graças emoldurado por dois discursos do Senhor (52, 13-15; 53, 11b-12)”. Assim, o esforço no destaque do epílogo para maiores aprofundamentos em seu conteúdo é admissível e legítimo.

8.2 Propósitos centrais do texto

Como já explicitado neste trabalho, encontrar características unificadas para todo o texto do livro de Isaías pode ser uma tarefa hercúlea. Pelo menos três agrupamentos temáticos podem ser percebidos e, muitos estios se mesclam neste, pois é um dos documentos mais ricos do Antigo Testamento. Acerca da primeira e terceira partes de Isaías, devido a brevidade deste trabalho, é satisfatório dizer que são objetivadas, respectivamente, na dura condenação dos pecados e infidelidade do povo de Deus e nações vizinhas, e na correção da postura pervertida do povo no pós-exílio babilônico. A tônica ao final do livro é que o Senhor é sempre fiel às suas promessas, mesmo em meio à rebeldia de seu povo e, que por isso, Ele mesmo faria Jerusalém resplandecer (Bíblia de Estudo NAA, 2018, p. 997-998).

Tratando o agrupamento em questão (Is 40-55), de uma obra com muita presença poética, este apresenta uma mistura de simplicidade e enigma em seu conteúdo. Tem-se em seu conteúdo um inocente que precisa sofrer, um humilhado que triunfa no fim e um morto que volta a viver. O leitor moderno/contemporâneo pode tentar suavizar o estranhamento do material, considerando esses elementos como hipérboles e ajustando as interpretações para amenizar a mensagem. Contudo, o próprio texto parece se opor a essa tentativa, afirmando o seu ineditismo, sendo algo extraordinário dentro de toda a profecia de Isaías, e sem paralelos no Antigo Testamento. Por isso, não se deve simplificar a mensagem nem a comparar diretamente com outros casos, ainda que se possam apontar antecedentes e semelhanças (Schokel, 1988, p. 338).

Retornando o foco ao tópico ‘prólogo do quarto cântico’, objeto de estudo deste estudo, Samuel Oliveira expõe:

O propósito dos oráculos que começam e concluem a perícopa (*Is 52:13-53:12*) seria o de dar autoridade àquilo que considera a imitação de um salmo individual de ação de graças com a intenção de convencer os leitores de que se trata de uma verdadeira profecia a respeito da morte e ressurreição do profeta e a sua explicação (Oliveira, 2018, p. 163).

Se faz coro, então, com a Bíblia de Estudo NAA (2018, p. 998), que o texto analisado se trata de um discurso de consolo, salvação e esperança, primariamente direcionado aos israelitas exilados na Babilônia que confiam no Senhor e tem a expectativa de em breve retornarem à sua pátria restaurada. Além disso, e talvez ainda mais significativa, há também a certeza de uma libertação futura, final e poderosa que será realizada sobre o seu povo por meio do padecimento, morte e glorificação daquele que é chamado pelo profeta de ‘o Servo de Deus’.

9 Análise semântica

Da mesma forma que é crucial considerar os contextos literário e histórico-cultural, para uma compreensão adequada de um texto, especialmente textos antigos, a análise semântica de cada trecho, buscando entender tanto seu significado original quanto o adquirido ao longo do tempo, é fundamental nos processos de interpretação. Este estudo se propôs a examinar alguns versículos de Isaías 52:12-15, dada sua importância para a compreensão geral da passagem e considerando as diversas discussões sobre seu significado simbólico, sentido e referências.

9.1 Verso 13 – “o meu servo prosperará”

Para Handley Moule (2015), a palavra יַשְׁכִּיל (translit. *yaskîl*) encontra sua melhor tradução na forma adotada por este estudo (prosperará), no sentido de uma carreira que é coroada de sucesso completo. Sua leitura se torna incompleta se separada da próxima frase “será exaltado e elevado, e muito enaltecido”, tendo em vista que a expressão aponta para o cumprimento do sábio propósito do Servo que se encerra em sua exaltação. Outras traduções preferem colocar a ideia como ‘procederá com prudência’ (NAA), ou ‘agirá com sabedoria’ (NVI), que também são possíveis interpretações, quando analisadas dentro do bojo de ‘propósito bem-sucedido’.

Há, no entanto, uma questão de considerável complexidade presente neste texto. A identidade do Servo, diversas vezes mencionado em Isaías, tem sido objeto de intensos debates acadêmicos. Estas visões distintas refletem a diversidade de abordagens hermenêuticas e teológicas ao longo da história, podendo induzir o intérprete de Isaías 52:13-15 a conclusões bastante divergentes com o sentido proposto em sua redação original. Por esse motivo, faz-se

necessário ao menos demonstrar quais são as linhas predominantes para a identificação do Servo.

As principais hipóteses interpretativas para o Servo de Deus são: i) interpretação coletiva: o povo de Israel, ou um remanescente fiel do mesmo, é o Servo, e deve ter os textos aplicados a si, mesmo em meio às suas aparentes contraposições do Servo e o povo; ii) interpretação individual: O Servo de Deus é um personagem histórico, possivelmente contemporâneo ao autor dos cânticos. Essa posição é a mais conflitante, contando com uma lista interminável de possíveis candidatos; iii) interpretação mista: nenhuma das outras duas posições fazem jus ao texto segundo os artificiosos proponentes desta terceira via, que mescla as anteriores em um rei, que por sua vez, é a encarnação do povo; iv) interpretação messiânica: de forma geral, os defensores das outras três visões não negam o cumprimento pleno das passagens que constam o Servo na pessoa de Cristo. Contudo, alguns estudiosos preferem analisá-las como exclusiva e diretamente aplicadas a Jesus, justificando sua posição pelas aplicações realizadas no Novo Testamento (Schokel, 1988, p. 278-279).

Claude Wiener (1980, p. 76-77) opta por resumir todas as possíveis variações interpretativas para a palavra Servo nos cânticos de Isaías em duas linhas essenciais. A primeira, nega que haja, entre os quatro poemas, algum nexos particular. A palavra é utilizada pelo autor da segunda parte de Isaías de maneira diversa, ora se referindo a Ciro, ora a Israel, ou até mesmo ao próprio profeta. A maior problemática, nesse caso, é lidar com todo sofrimento suportado pelo Servo em sua confiança em Deus e sua participação na grande obra de libertação e resgate final, que menciona continuamente no texto de Isaías, em especial em sua segunda parcela (40-55).

A segunda interpretação se alinha com a continuidade dos cânticos uns com os outros, seguindo o enredo do Servo como indivíduo central em seu conteúdo. Essa linha abre espaço para o entendimento de figuras históricas, conhecidas ou não, serem o personagem em questão, mas também pode apontar para uma figura futura, messiânica ou real, que se sacrificaria para a salvação final dos homens e, em razão disto, seria exaltada ao lugar mais alto e sublime por Deus.

Em meio a todas as posições apresentadas, Márcio Pelinski amplia ao dizer que “sobre a ‘pessoa’ do servo, muito mais importante do que compreender quem ele é, é a compreensão de que ele tem a missão de implantar e realizar este projeto inicial de Deus, já existente no Israel primitivo e que promove vida e equidade” (2021, p. 136), apontando para um cumprimento dos planos de Deus não apenas na exclusividade de Israel, mas ampliado para todas as nações da terra.

Tendo isso em vista, a interpretação da figura do Servo como o Messias em uma possível continuidade dos cânticos, embora precise lidar com o questionamento da razoabilidade de uma teologia messiânica bastante elaborada para a possível data de escrita do texto (Séc. VI), é adotada por este estudo como mais plausível por sua maior congruência com o restante do drama das Escrituras, especialmente no relato neotestamentário.

9.2 Verso 14 – “muitos ficaram assombrados diante de ti... sua aparência estava desfigurada.”

A expressão “assombrados” utilizada neste trecho tem suas raízes no verbo *אָפּוּשׁ* (translit. shamem), que tem seu significado em: se horrorizar, ser desolado, ser assombrado. Pode ser encontrada esta mesma expressão em Levítico 26:32, Jeremias 18:16 e 19:8, Ezequiel 26:16 e 1 Reis 9:8, sendo comumente utilizada para descrever o sentimento de surpresa em razão de uma desolação ou degradação do povo de Deus. No caso do verso em questão, é a sofrida condição do Servo, exposta nas frases seguintes do poema, que gera este tipo de reação (Lock, 1911, p. 337).

Em Isaías 53.3-4 lê-se que o Servo era um homem de dores, desprezado, aflito, ferido de Deus e oprimido. Apesar de ter padecido e levado sobre si as enfermidades e dores dos homens, estes desviavam o olhar dele e ignoravam seu sofrimento. Essa ideia, de certo modo, é um reflexo do oráculo de exaltação encontrado no prólogo. Contudo, é possível conjecturar que em Isaías 52:14, em meio à elevação do Servo e ao sucesso último de sua missão, será impossível esconder o rosto e desviar os olhos de seu semblante outrora desfigurado, mas agora glorificado. Pelo contrário, seu estado será motivo de profunda admiração e terno silêncio:

O sofrimento desfigura o homem, obscurece a imagem de Deus... Um rosto desfigurado pode produzir terror quase sagrado (cf. Jó 2,12-13). Mas também a sua exaltação produz o correspondente pasmo: se a libertação do inocente nos salmos impressiona as pessoas (por exemplo, 64,10s), a presente exaltação será algo inaudito, um fato novo, pelo menos aos olhos desses espectadores mundiais (Schokel, 1988, p. 340).

Tendo em vista a exaltação e salvação adquiridas pelo Servo por meio do sofrimento, que são tema central do cântico, considera-se plausível a interpretação da reação exposta no verso sob a perspectiva de que o Servo apresenta uma aparência desfigurada aterradora, em virtude de ter sido esmagado por Deus (53:10), mas também profundamente admirável, por ter sido exaltado e elevado, e muito enaltecido (52:13), ter recebido sua recompensa final pelas mãos do próprio Deus, como encerra-se o cântico em 53:12.

9.3 Verso 15 – “Assim ele chocará as nações; muitos reis fecharão a sua boca diante dele”

Desde a mais antiga tradução da Bíblia para o grego, a Septuaginta, que data do Século III a.C., a palavra יָזַח (translit. *yazzeh*) tem sido traduzida no sentido de que as nações ficam maravilhadas, chocadas, admiradas diante do Servo sofredor, apesar de suas raízes estarem ligadas à palavra נָזַח (translit. *nazah*), que significa borrifar ou salpicar, em sua forma mais básica. Em um paralelo antitético, esta admiração inversamente se conecta ao assombro do versículo anterior. Se antes o teor era negativo, aqui, expressa uma surpresa agradável e alegre (Exell; Spence-Jones, 1985).

O advérbio que inicia o verso e precede esta admiração relaciona esta postura com os relatos anteriores, já explicados no tópico acima. Logo, o doloroso processo de exaltação do Servo se torna a razão de tal maravilhamento. O que outrora foi motivo de assombro, enfim chega ao ápice de sua glória. Não apenas o povo de Deus, mas todas as nações serão surpreendidas com o cumprimento dos propósitos do Senhor por meio de seu escolhido, em similaridade com outros textos como Salmos 22:27 e 72:17, Zacarias 2:11 e Oséias 1:10.

Acerca do emudecimento dos reis perante o semblante do Servo, Luís Schokel (1988, p. 340) afirma que o silêncio dos reis pesa no poema, em especial por ter figuras poderosas em uma postura de puro pasmo. Stanley Horton (2002, p. 450) amplia a ideia dizendo que os governantes “serão surpreendidos e ficarão respeitosa e calados, subjugados pela grandeza de sua salvação – algo que eles, sendo gentios, não tinham entendido ou até mesmo considerado antes”. Nem mesmo aqueles indivíduos considerados superiores, quase divinos sob a perspectiva de muitos povos na época dos receptores originais do texto, escapam de terem suas bocas cerradas com a glória do Servo libertador, em sua exaltação.

9.4 “Porque aquilo que não lhes foi relatado, eles viram, e aquilo que não ouviram, entenderam” (v.15)

A última parte do prólogo do quarto cântico do Servo, aponta para a carga escatológica que o oráculo isaiano carrega. Apesar de anacrônica, é inevitável a interpolação desse trecho com o sétimo verso de Apocalipse 1, que se lê: “Eis que ele vem com as nuvens, e todo olho o verá, até mesmo aqueles que o traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão por causa dele. Certamente. Amém!” (NAA). A afirmação, que aponta para uma realização dos propósitos do Senhor final, sublime e inescapável ao olhar de todas as nações, torna o trabalho dos mais eruditos preteristas (visão que interpreta o cumprimento da literatura escatológica das Escrituras como já realizado na antiguidade).

Por meio da exaltação visível do Servo de Deus, as nações e seus governantes “aprenderão os fatos da humilhação, sofrimentos, morte, ressurreição e ascensão do Cristo ao céu - eventos que nunca entraram no coração do homem para conceber e, portanto, nenhuma língua jamais havia falado” (Exell; Spence-Jones, op. cit.). Por mais que os eventos cristãos da ressurreição e ascensão do Messias de Deus não serem explícitos no texto de Isaías, a sua paixão e sacrifício vicário, bem como sua elevação e glorificação da parte de Deus são claros no cântico, tendo paralelos bastante claros com a posterior mensagem cristã.

O trecho também é citado pelo apóstolo Paulo, que aparentemente interpreta Jesus como o Servo sofredor, em sua epístola aos Romanos. Em Rm 15:18-21, lê-se:

Porque não ousarei falar sobre coisa alguma, a não ser sobre aquelas que Cristo fez por meio de mim, para conduzir os gentios à obediência, por palavra e por obras, por força de sinais e prodígios, pelo poder do Espírito de Deus. Assim, desde Jerusalém e arredores até o Ilírico, tenho divulgado o evangelho de Cristo, esforçando-me, deste modo, por pregar o evangelho, não onde Cristo já foi anunciado, para não edificar sobre alicerces alheio. Pelo contrário, como está escrito: "Aqueles que não tiveram notícia dele o verão, e os que nada tinham ouvido a respeito dele o entenderão". (Bíblia NAA, 2018)

À sua época, o cântico isaiano não possuía meios de identificar o Servo com o Nazareno Jesus, que haveria de nascer cerca de seis séculos depois. Ainda assim, é seguro afirmar que, no panorama redentivo que percorre todas as escrituras sagradas, o povo de Deus aguardava um poderoso ato de libertação e redenção que seria realizado pelo Senhor no futuro, por meio de seu ungido, que finalmente introduziria o reinado de Deus sobre toda a terra (Bartholomew; Goheen, 2017, p. 147). É sobre esse messias que o livro de Isaías se encarrega de expor, e, contrariando toda expectativa triunfalista que os judeus pudessem erroneamente considerar, seria por meio de muito sofrimento e desfiguração que a sua exaltação e o cumprimento de sua missão seriam finalmente realizados.

10 Considerações e aplicações finais

Em conclusão ao esforço exegético realizado neste trabalho, é possível afirmar que o prólogo do quarto cântico do Servo, localizado em Isaías 52:13-15, possui uma série de camadas interpretativas e pontos em debate, apesar de sua curta extensão. Desde os desafios relacionados à sua data de escrita e autoria, passando pelas discussões acerca da identidade do Servo mencionado, até o sentido das expressões paralelas mas antitéticas de surpresa em seu breve conteúdo, chega-se à conclusão de que este é um texto que exige uma interpretação cuidadosa e solidamente fundamentada.

A análise textual semântica, contextual e literária revela que a exaltação do Servo de Deus em virtude de seu sofrimento, assim como o impacto que o sucesso de seu propósito e glorificação causam sobre as nações da terra, são o tema central da passagem. Este Servo, se não literalmente, ao menos prefigura a obra redentora de Cristo Jesus na cruz do Calvário. As similaridades entre o sofrimento descrito no cântico e a Paixão do Messias são bastante explícitas, e o processo de sua exaltação final aos olhos de todos os povos se assemelha aos textos escatológicos do Novo Testamento.

Utilizando-se desta aplicação mais futura do texto, sem eliminar seu significado para o público pretendido primariamente, é possível perceber duas aplicações dos propósitos de Deus para povos que nunca haviam ouvido nem conhecido sua revelação. Primeiramente, trata-se da proclamação do Evangelho do Cristo ressuscitado somado à operação vivificadora do Espírito Santo. A exaltação do Servo de Deus, outrora obscura, passa a ser compreendida, e seu sofrimento antes desconhecido é profundamente considerado, após terem sido iluminados os olhos do coração do descrente para a verdadeira liberdade que há no enviado de Deus.

Em segundo lugar, há também uma aplicação escatológica. Ainda que o Reino dos céus já tenha chegado com Cristo, ele ainda não está plenamente realizado. Existem ainda dores, guerras, sofrimentos e pecado que encontrarão seu fim no cumprimento final dos propósitos eternos, quando Cristo retornar no dia derradeiro para julgar os vivos e os mortos. Deste julgamento, e da conseqüente recompensa eterna, nenhuma nação, povo ou governante poderão desviar o olhar, muito menos se fazer de desentendidos ou omitidos. Todo olho verá o retorno glorioso de Cristo e se deparará com o Filho de Deus, o Servo sofredor, exaltado e adorado acima de todas as coisas.

Essas certezas, de que a esperança encontrará o coração dos homens e de que um dia toda a vontade de Deus será realizada em seu unguido, devem encher o coração do cristão de convicção em sua jornada de fé, alimentando seu espírito diariamente para quaisquer sofrimentos que possam surgir no caminho. E isso sabendo que, conforme a interpretação proposta de Is 52:13-15, além de Aquele que realizou as promessas eternas ser fiel para cumprilas, há a segurança de que o Servo de Deus, que venceu o mundo, também enfrentou as mais pesadas e aterradoras aflições antes de sua exaltação, para a nossa libertação.

Referências

BARTHOLOMEW, C. G., GOHEEN, M. W. **O drama das Escrituras**: encontrando nosso lugar na história bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2017.

BÍBLIA. Hebraico. **The Westminster Leningrad Codex**, 2016. Disponível em: biblehub.com/wlc/isaiah/52.htm. Acesso em: 20 jul. 2024.

BÍBLIA. **Bíblia de Estudo NAA**: Nova Almeida Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus Editora, 2002.

BÍBLIA. Português. **Nova Versão Internacional**. São Paulo: Editora Vida, 2001.

BROWN, F.; DRIVER, S. R.; BRIGGS, C. A. **The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon with an Appendix Containing the Biblical Aramaic**: coded with the numbering system from strong's exhaustive concordance of the bible. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1994.

CHEE, A. **Are The Dead Sea Scrolls' Biblical Texts Exactly Identical To The Hebrew Text Of The Old Testament?** Zealous Ministries, 2013. Disponível em: zmin.org/dead-sea-scrolls-exactly-identical. Acesso em: 25 set. 2024.

EXELL, J. S.; SPENCE-JONES, H. D. M. **Pulpit Commentary**. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1985.

HEISER, M. S. **The Bible Code Myth**. Digital edition, 2017.

HENRY, M. **Matthew Henry's Concise Commentary on the Whole Bible**. Super Value Series. Nashville: Thomas Nelson, 2003. Disponível em: biblehub.com/commentaries/mhc/isaiah/52.htm. Acesso em: 20 set. 2024.

HORTON, S. **Isaías: o profeta messiânico**. Curitiba: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2002.

LOCK, W. **The Book of the Prophet Isaiah**. Londres: Methuen & Co., 1911.

LOURENÇO, J.D. Exegese de Is 52,13-53,12 na perspectiva da “Humilhação-Exaltação”. **Didaskalia**, Lisboa, v. 24, n. 1, p. 3-47, 1994. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/17358/1/V02401-003-047.pdf>. Acesso em: 20 set. 2024.

MOULE, H. C. G. **The Cambridge Bible for Schools and Colleges**. Londres: Scholar's Choice, 2015. Disponível em: biblehub.com/commentaries/cambridge/isaiah/52.htm. Acesso em: 20 set. 2024.

OLIVEIRA, S. B. **O uso de Is 52,13-53,12 em Rm 5,12-21**: uma análise a partir do método exegético-interpretativo de G.K. Beale. 2018, 12 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Pós-graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2018.

OSBORNE, G. R. **A Espiral Hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009.

OSWALT, J. N. **Comentário do Antigo Testamento: Isaías**. v. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

PAYNE, D. *In*: BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI: antigo e novo testamentos**. 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 2012.

PELINSKI, M. J. **A vocação para o direito e a justiça no primeiro canto do Servo de YHWH (Is 42,1-9)**. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pós-graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Paraná: Curitiba, 2021.

RIDDERBOS, J. **Isaías: introdução e comentário**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

SCHOKEL, L. A. **Profetas I**. v.1. São Paulo: Edições Paulinas, 1988.

WIENER, C. **O Dêutero-isaías**. 3. ed. São Paulo: Paulus Editora, 1980.